

O despontar do Modernismo: as *poéticas de Manuel Bandeira e* *Mário de Andrade disseminadas* *em suas correspondências*

Natasha Juliana Mascarenhas Pereira
Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Neste artigo, debruçamo-nos sobre o conjunto de correspondências trocadas pelos poetas Mário de Andrade e Manuel Bandeira, reunidas em extenso volume organizado por Marcos Antonio de Moraes e publicado, pela primeira vez, no ano 2000. O livro faz parte da coleção *Correspondência*, fruto dos estudos realizados sobre as cartas de Mário de Andrade reveladas, em 1997, após 52 anos de sigilo, pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), respeitando pedido feito pelo autor em seu testamento. O livro de Moraes apresenta a interlocução entre dois dos maiores expoentes do Modernismo brasileiro. Nosso objetivo, portanto, é verificar, sobretudo nas cartas trocadas por Bandeira e Andrade nos anos de maior efervescência do movimento, suas convicções acerca dos novos paradigmas literários. Além disso, pretendemos identificar, no diálogo entre esses poetas, a partir das opiniões trocadas sobre suas composições, traços de sua poética, bem como suas impressões sobre questões relevantes para os estudos literários.

Palavras-chave

Poesia modernista. Mário de Andrade. Manuel Bandeira. Cartas.

Introdução

O Brasil do início do século XX prosperava, consolidando-se como potência cafeeira e desenvolvendo seu espaço urbano. Enquanto isso, a Europa padecia em meio a conflitos e surgiam movimentos de vanguarda com o objetivo de estabelecer um conceito estético inovador. Artistas brasileiros, principalmente de São Paulo e do Rio de Janeiro, sob influência da arte que se propagava no Velho Mundo, promoviam encontros e publicavam revistas em que eram disseminadas novas ideologias.

Em 1917, a polêmica exposição da pintora Anita Malfatti, com obras fortemente influenciadas pelo expressionismo alemão, incentivou, em São Paulo, um novo olhar sobre a arte, inaugurando, no país, uma estética moderna. Monteiro Lobato, na época já bastante influente como escritor e crítico literário, escreveu, sobre a exposição, o artigo intitulado “Paranoia ou Mistificação?”, em que tecia árduas críticas. Apesar disso, em 1922, um grupo de artistas brasileiros organizou a Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal da cidade, estabelecendo seus novos ideais.

Foi também em 1917 a estreia de dois escritores que já esboçavam tentativas de romper com o simbolismo e o parnasianismo antes do evento de 1922: Mário de Andrade, sob o pseudônimo de Mário Sobral, com a publicação de *Há uma gota de sangue em cada poema*; e Manuel Bandeira, com *A cinza das horas*. As inovações que buscavam implementar na arte que se desenvolveria a partir daquele momento foram aperfeiçoadas nos livros seguintes, mas é inegável a percepção de características destoantes quanto à literatura produzida até então já desde as primeiras obras.

Com *Pauliceia desvairada*, publicado em 1922, Mário de Andrade consolida de vez seu interesse na nova estética literária, principalmente por causa do “Prefácio Interessantíssimo”, em que anunciava algumas de suas convicções sobre a escrita moderna. Já Manuel Bandeira – apesar de ter publicado o poema “Os sapos”, ainda em 1919, que serviu de hino modernista na Semana de 1922 –, segundo o próprio autor, apenas conseguiu libertar-se das amarras do passado em 1930, com a publicação do livro de poemas intitulado *Libertinagem*. Entende-se, portanto, sua afirmação, em carta a Mário de Andrade na época da publicação de *Pauliceia*: “A verdade é que, embora os modernos sejam os poetas que mais ou talvez que só me interessem, eu reconheço que fiquei para trás. O seu livro é o primeiro livro integralmente moderno que aparece no Brasil. Todos os outros foram de transição.” (MORAES, 2001, p. 70).

Além da toda a produção escrita publicada pelos autores, em que é possível compreender muito sobre sua percepção acerca da literatura, o conjunto de correspondências trocadas, durante cerca de vinte anos, destaca-se como um material relevante no estudo de sua obra. Por esse motivo, debruçamo-nos sobre o livro intitulado *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, organizado por Marcos Antonio de Moraes e publicado, pela primeira vez, no ano 2000. O volume faz parte de uma coleção que apresenta os resultados dos estudos realizados sobre as cartas de Mário de Andrade reveladas, em 1997, após 52 anos de sigilo, pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), respeitando pedido feito pelo autor em seu testamento. Em meio a especulações sobre conhecidos e confissões pessoais, Manuel e Mário frequentemente trocavam, nas cartas, opiniões sobre suas composições, bem como discutiam questões pertinentes aos estudos literários e à estética moderna.

Pretendemos, com este trabalho, estudar o diálogo epistolar entre esses autores, analisando, sobretudo, as cartas trocadas nos anos de maior efervescência modernista, a fim de buscar, difundidos nesse material, traços da poética desses escritores e de suas convicções acerca dos novos paradigmas literários no cenário do Modernismo.

A relação entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira

A epistolografia de Mário de Andrade contém material riquíssimo para o conhecimento não apenas de sua obra, mas também de sua vida e personalidade. Ao contrário de Manuel Bandeira, que legou aos seus leitores uma autobiografia, os interessados na vida do escritor paulista dependem das cartas para adquirir mais informações. E, nesse gênero, o autor desenvolveu vasta produção, tendo como interlocutores, além de Manuel Bandeira, outros importantes artistas do período, como a pintora Anita Malfatti e o poeta Carlos Drummond de Andrade.

No que se refere ao seu diálogo com Bandeira, é fundamental assinalar que este foi um importante mentor literário. Muitas vezes, sugestões propostas pelo poeta pernambucano eram aceitas por Andrade sem muito questionamento, o que gerava até certo receio no amigo mais velho. É claro que isso não significa que o autor de *Pauliceia desvairada* consentia tudo – há extensas cartas trocadas entre eles em que suas impressões pessoais sobre as obras eram discutidas veementemente. Todavia, é inegável que para Andrade a opinião de Bandeira era muito importante, tanto que todo novo texto era imediatamente remetido para avaliação do amigo. Sobre isso, inclusive, o autor paulista, em

carta de outubro de 1922 respondendo a críticas recebidas sobre seu segundo livro de poemas, afirma: “Antes de mais nada agradeço tuas linhas. Para mim a melhor homenagem que se pode fazer a um artista é discutir-lhe as realizações, procurar penetrar nelas, e dizer francamente o que se pensa. Assim tua carta não me magoou, mas engrandeceu-me. Muito obrigado.” (MORAES, 2001, p. 72).

Bandeira também, frequentemente, enviava seus poemas para o amigo paulista, que nem sempre exprimia suas opiniões de maneira clara – fato que gerou, mais por parte de Mário de Andrade do que do amigo pernambucano, uma sensação de desconforto quando da publicação, em 1924, da crítica “Manuel Bandeira”, na *Revista do Brasil* – acerca do recém-editado volume *Poesias* –, em que os poemas do primeiro livro deste autor foram duramente criticados, bem como a unidade do segundo, *Carnaval*. O poeta, no entanto, entristeceu-se mais pelas obras publicadas do que pela crítica feita pelo amigo, mas não deixou de lamentar-se pela opinião tardia, em carta de 27 de dezembro de 1924:

Antes de entregar os meus versos à tipografia, mandei-os a você, pedindo-lhe que os criticasse: o meu desejo era que você fizesse com eles o que eu a seu pedido, faço com os seus: uma espinhação isenta de qualquer medo de magoar ou melindrar – crítica de sala de jantar de família carioca, de pijama e chinelo sem meia. Você tirou o corpo fora e limitou-se a aconselhar a supressão de um soneto. Se você tivesse me dado outros conselhos, o meu livro sairia mais magro porém certamente mais belo. [...] Mas o que está feito, está feito. E não tenho esperança de 2ª edição para emendar a mão. (MORAES, 2001, p. 165)

Mário de Andrade, em carta posterior, justifica-se pela omissão, mas concorda ter cometido um erro. Depois desse fato, o poeta passou a ser tão criterioso com os textos do amigo como exigia que este o fosse com os seus próprios, o que só estimulou o diálogo entre os escritores.

Eles começaram a se corresponder em 1922, após a Semana de Arte Moderna, por iniciativa de Manuel Bandeira. Afora as impressões trocadas sobre os textos produzidos, muitas discussões importantes se deram através desse meio, como teorizações sobre a concepção artística, a linguagem literária, a temática moderna, a expressão poética, além de análises associadas ao próprio aspecto formal e conceitos fundamentais da estética modernista, conforme explanaremos a seguir.

Uma poética modernista

Apresentaremos, então, algumas das ideias discutidas por Mário de Andrade e Manuel Bandeira que se referem à sua produção escrita e à estética modernista, organizando-as por meio de um critério temático, a fim de esclarecer os pontos importantes de discussão entre os autores.

Concepção artística

Mário de Andrade responde a Bandeira, em carta de 19 de novembro de 1924, sobre o poema “Comentário musical” – publicado mais tarde em *Libertinagem*. Para ele, esse tipo de texto deve possuir começo, meio e fim, e deve-se distinguir o lirismo puro (poesia) do poema de fato, como peça de arte, que apenas existiria quando há a intenção de fazê-lo. Andrade julga, contudo, que esse aspecto falta ao amigo pernambucano e que, apesar de seus poemas soarem muito naturais – traço que muito valorizava –, sua produção poética não se constituiria como obra de arte.

É interessante contrapor essa carta de Andrade com outra anterior, da época da publicação de *Pauliceia desvairada*, em 1922, em que o poeta afirma, sobre a inclusão de um verso alexandrino e parnasiano tachado de passadista por Bandeira: “Senti assim. Saiu assim. Como posso eu desritmar um movimento que brotou naturalmente?” (MORAES, 2001, p. 72). Nesse caso, foi Andrade quem ignorou preceitos vanguardistas de produção poética em prol da espontaneidade criativa.

Na época da publicação de *A escrava que não é Isaura*, no ano de 1925, Andrade afirma que a poesia moderna constitui-se da associação do lirismo puro (ou seja, do estado ativo proveniente da comoção), da crítica (isto é, o trabalho baseado nas leis estéticas oriundas da observação) e da palavra (veículo de comunicação). Se a fórmula da poesia moderna pressupõe o somatório de todos esses elementos, infere-se, portanto, que a naturalidade da ideia ou de um poema não é capaz de ser a essência da composição poética.

Bandeira não respondeu ao amigo sobre os comentários feitos e o poema “Comentário musical” foi publicado em *Libertinagem* com poucos ajustes – algumas alterações vocabulares e outras no arranjo dos versos. Além disso, manteve-se o mesmo desfecho, o que nos faz considerar que o poeta preferiu valorizar a naturalidade da criação poética em detrimento da preocupação estrutural proposta pelo amigo. Tal aspecto parece guiar a percepção do escritor pernambucano acerca da produção literária, o que se pode confirmar em carta de 3 de setembro de 1927, em que aconselha Andrade a não desacreditar em sua aptidão para escrever poemas quando não conseguir fazê-los. Bandeira critica o fato

de o amigo ter-se dedicado por muitos anos a uma poesia extremamente refletida, o que poderia gerar algum desgaste. Nesse sentido, recomenda, então, “não procurar fazer poesia, a menos que ela lhe apareça no virar de uma esquina” (MORAES, 2001, p. 353). Dessa maneira, mais uma vez podemos perceber que a expressão poética irrefletida é valorizada por esse autor.

Sobre a motivação para a escrita, afirma Andrade, em 25 de janeiro de 1925: “Se escrevo é primeiro porque amo os homens. Tudo vem disso pra mim. Amo e por isso é que sinto essa vontade de escrever, me importo com os casos dos homens, me importo com os problemas deles e necessidades. Depois escrevo por necessidade pessoal.” (MORAES, 2001, p. 182). Para o autor, antes de uma necessidade individual de escrita está a necessidade de escrever para o próximo. Isso, inclusive, é motivo de crítica a Manuel Bandeira em outros momentos, uma vez que afirma que o amigo escreve muito mais para si próprio, para externar tristezas pessoais, do que para o público. Dessa maneira, podemos perceber, em sua perspectiva, a colocação da arte como satisfação primordial dos anseios dos homens.

Esse é um aspecto relevante, pois explica muito do comportamento de ambos os poetas diante da receptividade do público. Se a preocupação fundamental de Andrade é com este, as críticas recebidas e o desgosto ou a incompreensão dos outros serão para ele muito mais impactantes do que são para Manuel. Explica este, em correspondência de 9 de abril de 1927:

Minha arte não é arte. É secreção que alivia... excreção... apesar de todas as mudanças por que passei e que você assinalou na sua crítica o móvel e razão profunda do *Carnaval e Ritmo dissoluto* como do que veio depois são os mesmos da *Cinza das horas*. Gosto muito de ser gostado pelos outros, mas o desamor ou incompreensão dos outros não me dão dor nenhuma. Queria te passar esse sentimento. (MORAES, 2001, p. 343)

Essa afirmação demonstra aspectos fundamentais da obra de Bandeira desse momento, como a importância de uma linguagem penetrante e o desenvolvimento de uma poesia despojada. Assim, o fato de ambos conceberem a produção poética de maneira distinta é fator determinante para sua autoavaliação. Andrade, por vezes, se aborrecera com a receptividade dos seus textos, enquanto Bandeira sim soube agir consoante a filosofia do dar-de-ombros proposta pelo amigo no poema “Danças”: “Saúdo a todos / Ninguém me estima / Dançam meus ombros / Eu sou feliz”.

A lição modernista

Em um ensaio redigido sobre Mário de Andrade, mencionado nas notas do volume de correspondências, Manuel Bandeira afirma que “a diferença dos poetas modernos é que eles amam e confessam amar a sua época, com os aeroplanos, os automóveis, o cinema, o asfalto, – tudo aquilo enfim que para os falsos poetas é banal e prosaico.” (MORAES, 2001, p. 75). Esse comentário contrapõe os escritores da nova era modernista aos escritores de épocas anteriores, que se exprimiam poeticamente sempre sobre os mesmos grandes temas – evidente crítica, por exemplo, aos parnasianos. No entanto, a revolução modernista só foi tão importante porque se deu não apenas no plano temático, mas também na adequação quanto à linguagem e à técnica de acordo com a intenção do artista.

Tanto Andrade quanto Bandeira tiveram, inegavelmente, influência, sobretudo nos primeiros livros, das estéticas parnasiana e simbolista. Isso não significa que não tenham sido escritores modernos. Importante, para compreender essa questão, é a distinção feita pelo escritor paulista em carta de 29 de dezembro de 1924:

És moderno, és bem moderno. O que eu faço, e talvez já reparaste nisso, é uma distinção entre modernos e modernistas. Sobre isso aquele pedaço da minha crítica está muito intencionalmente escrito “o poeta (você) que é sincero e não se preocupa em fundar escolas e propagar novidades que não são dele...” [...] Toda reação traz exageros. Eu tive porque fui reacionário contra simbolismo. Hoje não sou. Não sou mais modernista. Mas sou moderno, como você. Hoje já posso dizer que também sou um descendente do simbolismo. O moderno evoluciona. (MORAES, 2001, p. 169)

Dessa maneira, é possível perceber que, apesar de esses poetas não terem se engajado tanto quanto outros na difusão das propostas modernistas, não eram passadistas. A verdade é que Bandeira, no Rio de Janeiro, pouco contato tinha com os chamados “modernistas” e, até mesmo, pouco os conhecia; no entanto, caminhava juntamente a alguns membros desse grupo no que diz respeito às inovações, transformando sua literatura.

Bandeira ressalta, em outra correspondência de novembro do mesmo ano, a importância da musicalidade nas artes da palavra, bem como da imagem na música. Se esses elementos são inerentes à expressão artística, não se pode condenar o simbolismo. Dessa maneira, conclui que o erro dos simbolistas foi abusar desses recursos em sua produção, o que acabou tornando seus textos maçantes.

Todo o tempo os escritores sofrerão influências de correntes completamente distintas. Acontece também com Mário de Andrade, segundo crítica de Graça Aranha, do poema “Carnaval carioca”, que teria traços românticos. Todavia, para Bandeira, o mesmo

poema seria um triunfo para a arte moderna, uma vez que trabalhado dentro das técnicas desta estética. Tudo isso nos faz reconhecer, portanto, que a grande inovação modernista reside na liberdade de criação artística. O escritor pode valer-se, dependendo da intenção, de técnicas e temas antigos, o que não o caracterizará como um passadista ou como um antimoderno. Esses podem ser recursos empregados com uma intenção afinada com a modernidade.

Por outro lado, determinadas características de estéticas anteriores podem ser deixadas de lado em virtude de objetivos maiores. É o que aponta Mário de Andrade em carta de 7 de novembro de 1924, quando afirma que sua intenção, naquele momento, era ser claro em seus textos. Dessa maneira, toda simbologia será abandonada e substituída por uma linguagem mais objetiva. Por isso, o poeta assevera: “Atualmente o que quero é a claridade. Por essa sacrífico até um ritmo.” (MORAES, 2001, p. 144).

Linguagem moderna

Uma das grandes inovações modernistas foi a introdução, na literatura, de uma linguagem de conversa, possível de ser compreendida por todos, e que refletisse, de fato, o jeito brasileiro de se expressar. Essa bandeira foi carregada com todo o empenho por Mário de Andrade, que passou a utilizar-se de registros da língua brasileira até mesmo em seus ensaios e cartas pessoais.

A incorporação da língua falada do povo por Andrade foi muitas vezes criticada por Bandeira, que enxergava nessa obstinação do amigo certo artificialismo. Tenta, por isso, convencê-lo de que sistematiza questões da língua em que impera, na verdade, a instabilidade, como no caso da colocação pronominal. No entanto, Andrade acredita que a rejeição a essas inovações – não só por parte de Bandeira, mas de todos os outros – é meramente psicológica, em virtude da falta de costume com essas estruturas no texto artístico. Por tudo isso, reforça em correspondência de 7 de novembro de 1924: “É preciso dar coragem a essa gatinha que ainda não tem coragem de escrever brasileiro. Dante não surgiu sozinho. Antes dele uma porção de poetas menores começaram a escrever em língua vulgar e *prepararam* Dante.” (MORAES, 2001, p. 146)

Além disso, o poeta paulista afirma, ainda, em carta de 10 de outubro de 1924:

Fugi com sistema do português. Que me importa que o livro seja falho? Meu destino não é ficar. Meu destino é lembrar que existem mais coisas que as vistas e ouvidas por todos. Se conseguir que se escreva brasileiro sem ser por isso caipira, mas

sistematizando erros diários de conversação, idiotismos brasileiros e sobretudo psicologia brasileira, já cumpri o meu destino. (MORAES, 2001, p. 137)

Percebe-se, dessa forma, que o autor estava convicto de que sua grande contribuição para a literatura seria a transformação linguística por meio da difusão de uma língua brasileira. Por isso, Andrade afirmava que sua obra carregava a mensagem: “Brasileiros, chegou a hora de realizar o Brasil.” Para o autor, somente assim seria possível evoluir a arte para algo mais simples e natural, que correspondesse, de fato, à cultura brasileira.

Considerações finais

Em um cenário sociopolítico repleto de mudanças, a cultura não permaneceria estagnada. Era necessário desvencilhar a arte que se produzia até então do passado e criar uma maneira de se expressar que caracterizasse, de fato, o povo brasileiro. Foi nesse contexto, no início do século XX, que surgiu o Modernismo, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna de 1922, ano do centenário da Independência.

Dentre os novos artistas que se empenharam na difusão dessa corrente, destacam-se Manuel Bandeira e Mário de Andrade, escritores que mantiveram uma amizade ao longo de toda a vida. Apesar da distância – Bandeira morava no Rio de Janeiro e Andrade, em São Paulo –, correspondiam-se frequentemente, e acabaram compondo juntos um vasto material de importância para a compreensão das inovações ocorridas no período. Por meio de suas cartas, é possível não só delinear os paradigmas da nova estética, mas também a poética dos dois autores, seus traços de afinidade e diferenças.

Analisando as correspondências entre esses escritores nos primeiros anos do Modernismo (aproximadamente entre 1922 e 1930), pudemos perceber a importância das opiniões compartilhadas, por vezes embasadas, outras vezes meramente subjetivas, que foram determinantes em vários aspectos das obras de ambos. Observando as cartas e as notas ao longo do livro, verificamos inúmeras alterações feitas nas publicações posteriores desses autores e mesmo alguns textos suprimidos.

No que se refere à concepção artística, percebemos, muitas vezes, discussões conceituais entre os poetas. Mário de Andrade, já tomado pelo espírito moderno, compunha seus poemas de maneira mais refletida e trabalhada. Bandeira, por sua vez, também se dedicava a essa tarefa muitas vezes, mas entendia que a naturalidade de alguns versos era

fundamental no processo de criação poética – tanto que, em sua obra, muitos poemas possuem esse caráter espontâneo, como o soneto criticado pelo amigo paulista, intitulado “O lutador”.

Esse comportamento em relação à obra, assim como o objetivo maior de ambos – Bandeira escrevia os poemas sem se preocupar com a receptividade destes, ao contrário de Andrade, que o fazia mais para os outros do que para si mesmo – é responsável, portanto, por uma diferença entre os autores no cenário literário em que se encontravam. Enquanto o primeiro não se incomodava com avaliações negativas sobre sua obra, este ficava contrariado muitas vezes, quando incompreendido pelo público.

Por fim, considerando o papel pioneiro desses autores na corrente estética que se iniciava, são frequentes, também, em sua epistolografia, as discussões sobre o próprio fazer poético nesse período. Ambos chegam à conclusão, já em 1924, que, por não serem reacionários, são escritores *modernos*, e não modernistas. É inegável sua descendência dos poetas simbolistas e parnasianos, porém, os dois transformaram sua escrita, por meio do uso do verso livre, de termos menos rebuscados, da busca por uma linguagem genuinamente brasileira. Destaca-se, contudo, que, para eles, a modernidade não reside na negação do passado, mas, sobretudo, na evolução e na liberdade criadora como características fundamentais dos poetas.

Referências

BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. **Itinerário de Pasárgada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A literatura no Brasil: Era Modernista**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). **Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. 2. ed. São Paulo: Edusp/IEB, 2001.

THE DAWN OF MODERNISM: THE POETICS OF MANUEL BANDEIRA AND MÁRIO DE ANDRADE DISSEMINATED IN THEIR CORRESPONDENCE

Abstract

In this paper, we focus on the letters exchanged between the poets Mário de Andrade and Manuel Bandeira, gathered in an extensive volume organized by Marcos Antonio de Moraes and published, for the first time, in 2000. The book is part of the collection entitled *Correspondência* [Correspondence], as a result of the studies about the letters of Mário de Andrade revealed in 1997, after 52 years of secrecy, by the Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo [Institute of Brazilian Studies of the University of São Paulo] (IEB-USP), respecting the author's request in his will. The Moraes's book presents the interlocution between two of the greatest exponents of Brazilian Modernism. Our aim, therefore, is to verify, especially in the letters exchanged between Bandeira and Andrade in the most effervescent years of the movement, their convictions about the new literary paradigms. In addition, we intend to identify, in the dialogue between these poets, from their opinions about the compositions of each other, clues of their poetics, as well as their impressions on relevant issues to literary studies.

Keywords

Modern poetry. Mário de Andrade. Manuel Bandeira. Letters.

Recebido em: 06/01/2019
Aprovado em: 11/02/2019